

PICA E A CULTURA: IDENTIDADE NÃO ALIMENTAR

Maria Lélia Lima da Silva

RESUMO

Compreende-se que a conscientização acerca do que a pessoa ingere é de extrema relevância para um desenvolvimento humano mais salutar. Nessa seara, este texto tem por objetivo desvelar a referida temática em um desdobramento identitário de transtorno alimentar. Nessa perspectiva, o caminho a percorrer para atender a proposta aqui apresentada encontra-se amparada pela literatura do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5* (2014); por questões trazidas por Abguar Bastos em sua obra *A Pantofagia ou as Estranhas Práticas Alimentares na Selva* (1987) e, também, pela obra de Paolo Rossi (2014), *Comer: necessidade, desejo, obsessão*. Metodologicamente, este texto foi construído com amparo de uma pesquisa bibliográfica, que propiciou algumas reflexões acerca da ingestão de substâncias não nutritivas e consideradas exóticas. A interdisciplinaridade permitiu um estudo comparativo entre transtorno da alimentação pica e a cultura, a partir da organização da sociedade em relação à criação de regras alimentares ao considerar que alimentos e culturas se dão em um processo simbiótico. Como pontos a serem desenvolvidos, sugerem-se aos órgãos governamentais, em suas devidas competências, a criação de políticas públicas visando esclarecimentos acerca do transtorno da alimentação pica e o contexto cultural em que ela se apresenta.

Palavras-chave: Alimento não nutritivo; Cultura; Ingestão; Pica; Transtorno.

ABSTRACT

I understand that awareness about what a person ingests is extremely important for healthier human development. In this area, this text aims to reveal the aforementioned theme in an identity development of eating disorders. From this perspective, the path to follow to meet the proposal presented here is supported by the literature of the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders DSM-5 (2014); by questions raised by Abguar Bastos in his work *A Pantofagia ou as Estranhas Práticas Alimentares na Selva* (1987) and, also, by the work of Paolo Rossi (2014), *Eating: necessity, desire, obsession*. Methodologically, this text was constructed with the support of a bibliographical research, which provided some reflections on the intake of non-nutritive substances and considered exotic. Interdisciplinarity allowed a comparative study between pica eating disorder and culture, based on the organization of society in relation to the creation of dietary rules when considering that foods and cultures occur in a symbiotic process. As points to be developed, I suggest that government bodies, in their respective capacities, create public policies aimed at clarifying the pica eating disorder and the cultural context in which it presents itself.

Keywords: Non-nutritious food; Culture; Ingestion; Pica; Disorder.

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

INTRODUÇÃO

[...] dado que todos os que pertencem à espécie humana são onívoros e dotados de um aparelho digestivo absolutamente idêntico, como é possível que em alguns lugares do mundo sejam consideradas iguarias coisa como formigas, gafanhotos ou ratos, que em outros lugares parecem ser imundícies repulsivas? [...] No Camboja comem-se coleópteros, baratas d'água, lagartixas, morcegos. Em Hanói comem-se serpentes e existem sete receitas para cozinhar um cão. Na Nova Guiné apreciam-se os vermes do saguizeiro, grandes e carnosos, que possuem uma pele dura recoberta de pelos e por dentro uma massa cremosa amarelada. Na China e no Camboja, como é sabido, se come miolo de macaco (inclusive diretamente no animal recém-abatido). Nas Ilhas do arquipélago indonésio se bebe um tipo de café produzido com grãos parcialmente digeridos e defecados pelo civeta-das-palmeiras. A tarântula é comida no Camboja. Nas Filipinas – inclusive nas ruas – se comem ovos fecundados de pato ou de galinha que contêm embriões quase completamente formados. Na Coreia põem-se filhotes de ratos vivos numa garrafa de licor de arroz, que é bebido após fermentar. No México, os *escamoles* são pratos feitos com ovos de formiga. E poderíamos enumerar tantos outros casos (ROSSI, 2014, p. 23-24).

É crível pensar que no mundo ocidental eurocêntrico e nas sociedades que compartilham dessa tradição e suas influências, inclusive alimentares, – como é o Brasil, que os exemplos acima citados por Paolo Rossi são o extremo do exótico, ou até mesmo repugnante, uma vez que as iguarias mencionadas parecem não fazerem parte da culinária brasileira e ocidental. Nessas considerações, tal enunciado pode ser compreendido como uma prática cultural, já que muitos estudiosos apontam que os alimentos e a cultura encontram-se entrelaçados como em um processo simbiótico vinculado às identidades e memórias familiares e sociais de determinadas culturas. Assim, essas formas alimentares são socialmente aceitas em seus contextos internos, já que são vistas como intrinsecamente articuladas com a cultura e, assim sendo, se entende pela literatura existente que a ingestão desses alimentos não se configura como transtorno da alimentação pica.

De acordo com o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5*, “a característica essencial da pica é a ingestão de uma ou mais substâncias não nutritivas, não alimentares, de forma persistente durante um período mínimo de um mês, grave o suficiente para merecer atenção clínica” (DSM-5, 2014, p. 330). Essa seara pode ser exemplificada por uma substância vista como inofensiva e que faz parte do cotidiano brasileiro, o gelo. Porém, para que se atenda ao critério diagnóstico de pica é necessário que a pessoa faça uso da substância conforme já mencionado anteriormente, estando classificada sob a “CID-10-MC para pica (F98.3) em crianças e (F50.89) em adultos”, (DSM-5, 2014, p. 329).

Esclarecendo que, para que seja considerado transtorno alimentar é preciso que se faça presente “uma perturbação persistente na alimentação ou no comportamento relacionado à alimentação que resulte no consumo ou na absorção alterada de alimentos e que comprometa significativamente a saúde física ou o funcionamento psicossocial”

(DSM-5, 2014, p. 329). Assim, esta produção trabalha com o objetivo do desvelamento acerca da pica e a cultura em um desdobramento de cunho identitário de transtorno alimentar.

Nessa contextualização, temos como foco aqui nesta escrita textual permitir a possibilidade reflexiva em relação à ingestão de substâncias não nutritivas com o intuito de chamar atenção para o problema, voltar o olhar para si em relação àquilo que se está comendo e/ou bebendo, pois se entende que a tomada de consciência favorece o despertar para realização de escolhas mais saudáveis para além da mera ingestão e, em todo caso, se necessário, buscar ajuda profissional, uma vez que se pensa que a conscientização é o ponto de partida para a mudança. Você que está lendo este texto, já parou para pensar sobre a sua prática alimentar? Será que você consome substâncias exóticas não nutritivas diariamente? Conhece alguma pessoa fazedora de tais hábitos?

Nesse sentido, o presente texto caminha pela intertextualidade outrora referenciada em direção à pica e à construção cultural alimentar e não alimentar, sabendo-se que em algum lugar do planeta terra, sempre tem alguém passando necessidade e desejando comer algo para que de alguma forma possa matar o que está lhe matando, a fome. Assim, como também, algum ser humano pode estar ingerindo substância não alimentar. Ademais, a estrutura deste texto se apresenta alinhavada na perspectiva da costura dos tecidos recortados entre o transtorno da alimentação pica e a construção cultural do comer, além de indagações na perspectiva da reflexão.

PICA – TRANSTORNO ALIMENTAR

Sabendo-se que, para que algo seja considerado como transtorno é necessário a existência de prejuízo significativo em alguma área da vida da pessoa, seja acadêmica, profissional e/ou social, em razão do comportamento inadequado por conta de um psicológico não salutar e, de acordo com o *Dicionário de Psicologia da Associação Americana de Psicologia – APA*, transtorno é conceituado como “grupo de sintomas que envolvem comportamentos anormais, sofrimento persistente ou intenso ou rompimento do funcionamento fisiológico” (APA, 2010, p. 973).

Ainda de acordo com a referência supracitada, pica se caracteriza como “transtorno da alimentação raro encontrado principalmente em crianças pequenas e marcado por um desejo persistente por substâncias não naturais, não nutritivas” (APA, 2010, p. 708). Sabendo-se ainda, que a hipótese diagnóstica de pica também pode ser proferida à pessoa adulta. Desse modo, tanto para a criança quanto para a pessoa adulta é necessário que atenda aos critérios diagnósticos para que seja caracterizado como transtorno da alimentação pica.

Tais critérios diagnósticos para pica, segundo o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5*, postula as seguintes características:

- A. Ingestão persistente de substâncias não nutritivas, não alimentares, durante um período mínimo de um mês.

- B. A ingestão de substâncias não nutritivas, não alimentares, é inapropriada ao estágio de desenvolvimento do indivíduo.
- C. O comportamento alimentar não faz parte de uma prática culturalmente aceita.
- D. Se o comportamento alimentar ocorrer no contexto de outro transtorno mental (p. ex., deficiência intelectual [transtorno do desenvolvimento intelectual], transtorno do espectro autista, esquizofrenia) ou condição médica (incluindo gestação), é suficientemente grave a ponto de necessitar de atenção clínica adicional (DSM-5, 2014, p. 329).

A partir desses critérios é que se dá a hipótese diagnóstica. Evidenciando-se que uma hipótese diagnóstica de pica pode ocorrer em consonância com qualquer outro tipo de transtorno alimentar. Todavia, a característica essencial para o transtorno da alimentação pica faz referência ao critério A, acima exposto e, “as substâncias típicas ingeridas tendem a variar com a idade e a disponibilidade e podem incluir papel, sabão, tecido, cabelo, fios, terra, giz, talco, tinta, cola, metal, pedras, carvão, cinzas ou gelo” (DSM-5, 2014, p. 330). Além de outras substâncias não alimentares.

Em algumas populações, acredita-se que a ingestão de terra ou outras substâncias aparentemente não nutritivas tenha valor espiritual, medicinal ou outro valor social; pode ainda, ser uma prática culturalmente aceita ou socialmente normal. Tal comportamento não justifica um diagnóstico de pica (DSM-5, 2014, p. 331).

Porém, é de conhecimento que o transtorno da alimentação pica pode interferir significativamente no funcionamento físico do ser humano, não sendo, portanto, esta a única causa prejudicial ao adequado funcionamento social, uma vez que é comum a associação com outros transtornos causadores de funcionamento social inadequado. “Quando um indivíduo sabidamente tem pica, a avaliação deverá considerar a possibilidade de complicações gastrintestinais, intoxicação, infecção e deficiência nutricional” (DSM-5, 2014, p. 332), podendo também, essas complicações ocorrerem por conta de uma alimentação inadequada, independente da pica.

[...] No nosso passado, a falta de alimentos era comum e a fome estava sempre à espreita. Uma geada excepcional, uma forte chuva de granizo, uma seca prolongada eram suficientes para transformar aquela insuficiência em uma verdadeira e crônica crise de alimentos: Todos os anos podiam ser definidos, infelizmente, como o ano da fome. Nesse contexto, era natural comer de tudo, mesmo o que não era apropriado para se comer (ROSSI, 2014, p. 124).

Imagem 1 – Sopa de Grama

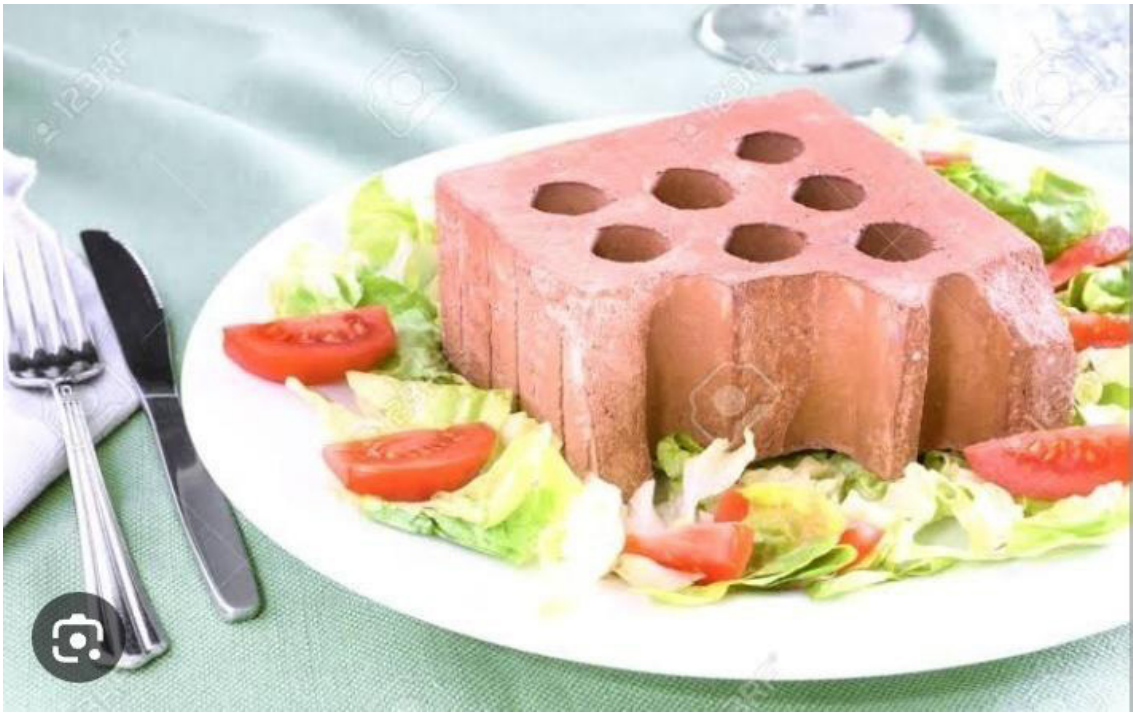


Fonte: <https://terra.com.br/>

Em um passado não muito distante, a imagem acima corrobora com a narrativa citada por Rossi (2014), quando diz que no contexto da fome, naturalizou-se o comer de tudo. Esse é o retrato da fome, mostrado no *site* Terra em uma reportagem que enunciava: “grama é a única refeição de crianças em país tomado pela fome”. Com isso, a Organização das Nações Unidas – ONU – solicita permissão para adentrar na região do Sudão do Sul, em razão da gravidade da situação por conta da guerra civil. Reportagem datada de 29 de outubro de 2015.

“As formas de alimentação podem dizer algo importante não apenas sobre as formas de vida, mas também sobre a estrutura de uma sociedade e sobre as regras que lhe permitem persistir e desafiar o tempo” (ROSSI, 2014, p. 30). Diz-se que, não são as necessidades biológicas das pessoas que ditam sua alimentação. Tem-se a impressão que esse discurso se apresenta de forma determinante. Talvez, algumas pessoas possam satisfazer suas necessidades biológicas. Outras, podem não possuir tal poder, deixando que o contexto situacional imprima a identidade alimentar do que comer, seja nutritivo ou não nutritivo, conforme imagem abaixo.

Imagem 2 – Tijolo com salada



Fonte: fetalmed.net por Dr. Rafael Bruns

IDENTIDADE CULTURAL E ALIMENTAR

Os indígenas (no caso, os Pariukur) faziam pães de barro. Esses indígenas [...] também tem o costume de comer a cinza dos cigarros, quando fumam, o que fazem, quase só à noite, com *tauari* (casca de uma árvore que, depois de batida com um cacete, separa-se em lâminas finas e que serve de papel de cigarro) e folhas de fumo vindo de fora ou plantado por eles próprios, secas ao fogo; dizem eles que o fazem porque o gosto salitrado da cinza lhes é agradável (EF. 292) *apud* (BASTOS, 1987, p. 32)

Será que existem nutrientes no pão de barro e nas cinzas do cigarro? Ingerir tais substâncias como forma de alimentação parece um tanto exótico para quem está inserido em outro contexto cultural, podendo dessa forma, considerar essa prática como transtorno da alimentação pica. Entretanto, como dito alhures, se a prática desse comer é pertencimento cultural, exclui-se a hipótese diagnóstica para pica, segundo *DSM-5* (2014).

Por outro lado, entende-se que a cultura é construída socialmente e, sendo assim, a cultura pode ser pensada como um processo em aberto com possibilidades de rupturas, na consideração, também, de que o conhecimento é historicamente construído abre-se um leque de possibilidades para mudanças, transformações, metamorfoses frente à identidade alimentar constituída culturalmente. Mas, será que determinados povos almejam romper com sua cultura? Talvez, essa seja uma questão projetiva do outro, que diz: “eu existo, o outro eu crio” (RIBEIRO, 2007, p. 64). Esse, até parece um pensamento eurocêntrico!

Tratando-se de alteridade em referência ao sujeito e a identidade, surge o colonizador para destroçar todos os costumes e alterar toda a cultura já construída por certos

povos em suas localidades, em seus espaços existenciais, pondo assim, fim à história de um povo. Não necessariamente, do ponto de vista físico. Mas, em relação à cultura ancestral. Essa perspectiva torna evidente o eurocentrismo invadindo contextos considerados “inferiores à “grande potência” cultural europeia. Nesse sentido, questiona-se: o que faz a Europa pensar que seu processo cultural é o melhor para ser introjetado por outros seres humanos?

Cultura, tanto se fala sobre. Mas, o que é mesmo a cultura? “Desenvolvimento intelectual; saber; utilização industrial de certos produtos naturais; instituições; costumes e valores de uma sociedade; cultivo” (BUENO, 2007, p. 210).

Segundo o *Dicionário de Psicologia da APA*, cultura se apresenta como:

os costumes, valores, crenças, conhecimentos, arte e língua de uma sociedade ou comunidade. Atitudes e comportamentos característicos de um determinado grupo dentro de uma sociedade, tal como uma profissão, classe social ou grupo de idade (APA, 2010, p. 247).

Para a sociologia, “cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana. Não existe cultura superior ou inferior, melhor ou pior, e sim, culturas diferentes. São idéias, costumes, leis, crenças, artefatos, conhecimentos, adquiridos a partir do convívio social”, segundo Camargo para o site Brasil Escola – mestre e professor de sociologia.

Na perspectiva antropológica, a partir do texto a Diversidade Cultural e o Conceito de Cultura, publicado no *site CIAR.UFG*¹

o conceito de cultura passa por várias transformações, à medida que os conhecimentos sobre o tema vão se ampliando e as experiências dos antropólogos, em contato com outros povos e modos de vida diferentes dos seus, se diversificam. Assim, não existe um consenso formado acerca do conceito de cultura, pois ele se diferencia tanto de acordo com as correntes teóricas quanto com o seu desenvolvimento cronológico que, desde o final do século XIX, vem sendo construído e reelaborado a partir de distintos significados e condições sócio-históricas.

Diante de tais concepções, este texto evidencia a cultura da identidade alimentar e não alimentar nos mais diversos espaços geográficos, visando com isso, mostrar a exótica diversidade cultural da culinária. Nesse sentido, “os Tupinambás, vindos do sul, alcançaram o rio Madeira, no Amazonas, e se distribuíram nas cabeceiras dos rios e mesopotâmias. Levaram consigo a sua tradição geofágica” (Bastos, 1987, p.39).

Ivo d’Evreux citado por Bastos (1987) relata que os Tupinambás do Maranhão:

são muito sofrendores em sua miséria e fome chegando até a comer terra, ao que acostumam seus filhos, o que vi muitas vezes. Vi muitos tendo nas mãos uma bola de terra que há em sua aldeia como *terra sigillada*, a qual apreciam e comem como fazem as crianças em França com as maçãs, as peras e outros frutos que se lhes dá (BASTOS, 1987, p. 39).

¹ Citação sem referência, uma vez que não foi possível visualizar o autor do texto Diversidade cultural e o conceito de cultura, publicado no site CIAR.UFG.

“Hoje em dia não há testemunhos, a não ser através de notícias nem sempre confirmadas, de que haja atividade antropofágica entre as tribos da Amazônia que vão sendo contatadas pelos brancos” (Bastos, 1987, p. 51). Porém, é de conhecimento que existem narrativas de viajantes que confirmam a existência de tais hábitos pelos povos julgados como “selvagens”. “E, na verdade, as lendas de encontros guerreiros ou de expansão do povoamento tribal sempre deixaram presumir a existência do canibalismo ou de outras formas de atividades antropofágicas nas selvas da vasta bacia do rio Amazonas” (Bastos, 1987, p. 51). Compreende-se que a prática do canibalismo – aquele que come sua espécie – é geralmente justificada pelo fator escassez e, nesse pensar,

Em muitas lendas a fome é uma obsessão, como a da ‘Cabeça Rolante’ que devorava tudo que encontrava. Para os povos primitivos, a fome não tem preconceitos. Acreditam que tudo o que é gerado pela natureza – vegetal, animal, inseto ou verme – é comida. Daí para a antropofagia é um passo (BASTOS, 1987, p. 52).

Acredita-se que em determinadas situações, como é mostrado no filme *Os Sobreviventes dos Andes*, o ato de comer carne humana torna-se uma possibilidade para qualquer ser humano que necessite fazer uma escolha entre o comer ou o morrer. Essa possibilidade não significa dizer que se deve matar uma pessoa para comer sua carne, pois o que esse texto está colocando como possibilidade é o exemplo do filme supracitado, uma vez que o contexto não favorecia a permanência da vida em razão do local da queda do avião e, com a morte de alguns passageiros, os que continuavam lutando pela vida escolheram fazer uso da antropofagia em prol da sobrevivência. E você, se fosse um dos sobreviventes, comeria carne humana para salvar sua vida?

A Pantofagia ou as Estranhas Práticas Alimentares na Selva dispõe de algumas interpretações da antropofagia, conforme mostrado abaixo:

- A. A antropofagia pela fome é um impulso canibalesco, não ritualístico, eventual, compulsório e de ação individual.
- B. A antropofagia por vingança pode ser ritualística ou não. Neste último caso, é também eventual, mecanicamente instintiva, sob o império da raiva ou do ódio.
- C. A antropofagia como culto aos antepassados é um ritual de transferência das qualidades do morto e de seus deuses para subsistirem entre os membros tribais.
- D. A antropofagia como rito guerreiro de transferência heróica é um cerimonial por vingança (BASTOS, 1987, p. 66).

Na consideração de tais interpretações, indaga-se: será que a antropofagia não se encontra em uma superfície considerada rasa, podendo essa ser aprofundada através de novos estudos com a finalidade da ruptura cultural? Será que alguma dessas interpretações poderia atender ao critério diagnóstico para pica? Na perspectiva de que a cultura é construção social, este texto deixa em aberto tais questões com a finalidade de novas propostas frente à antropofagia enquanto pica e a cultura: identidade não alimentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Costurar os recortes tecidos da intertextualidade frente à pica e à cultura: identidade não alimentar apresentados neste texto resulta na compreensão de que os achados nas literaturas propostas por esta atividade em relação ao transtorno da alimentação pica revela um desdobramento de uma hipótese diagnóstica negativa para identidade pica em razão de que, segundo o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5* (2014), se a ingestão de substância não nutritiva alimentar é de práxis de uma determinada cultura, essa não se configura como transtorno da alimentação pica.

Com tudo, considera-se relevante postular como certas práticas em relação à fome podem afetar a saúde física e psicossocial das pessoas privadas de alimentos saudáveis, uma vez que esses seres humanos parecem alienados de consciência ao se tratar do quesito antropofagia. Nessa seara, as crenças e os costumes diversos dos povos em seus afazeres para conseguirem alimentar-se transcendem a culinária nutritiva, não sendo esse fator o mais importante, pois se entende que o que realmente importa nesse contexto é adquirir alguma substância para saciar a fome, independente do que será ingerido, se é ou não alimentar. Por outro lado, como dito, além da escassez de alimentos, existe também a questão da antropofagia por conta de vingança. Esse enunciado parece mostrar evidências de um desalinho no psicossocial do sujeito. Pode-se entender a vingança como cultural? Para além da antropofagia, viu-se também, por conta da fome a ingestão de terra, além de cinzas, em razão da crença. Pensa-se que esses fenômenos podem afetar a saúde física da pessoa, ocasionando doenças com probabilidades da finitude existencial. Seria a possibilidade do adoecimento não pensada, uma vez que o interesse era atender suas necessidades sem pensar nas consequências?

Tendo isso em vista, compreende-se que na contemporaneidade existem pessoas que ingerem substância não nutritiva – terra, cinza, pedra, tijolo, etc. –, necessitadas, talvez, de acompanhamento profissional, pois se entende que esse não é um contexto considerado cultural no Brasil e sim, uma perspectiva de transtorno da alimentação pica. Posto isso, sugere-se aos órgãos governamentais em suas devidas competências a realização de políticas públicas com o intuito de divulgar esclarecimentos a respeito da pica com a finalidade de chamar a atenção das pessoas sobre as substâncias não nutritivas as quais possam estar consumindo. Evidenciando-se, portanto, que essa é uma questão de Direitos Humanos e que, a saúde é o maior bem que um ser humano pode ter, pois acredito que a partir do bem-estar psicossocial o sujeito em seu processo identitário se constituirá de forma mais salutar.

Nesse sentido, pica e a cultura: identidade não alimentar finaliza propondo a reflexão em relação às justificativas culturais frente a determinados contextos e, na consideração de que a cultura é uma construção social, essa pode ser rompida. Uma questão de consciência. Ademais, no decorrer do texto, algumas problematizações foram levantadas na intencionalidade de que outras escritas se apresentem e, parafraseando Paolo Rossi, comer é necessidade, é desejo e é também obsessão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Abgvar. A pantofagia ou as estranhas práticas alimentares na selva: **estudo na região amazônica**. – São Paulo: Editora Nacional; Brasília – DF: INL, 1987.
- BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. – 2 ed. – São Paulo: FTD, 2007.
- CAMARGO, Orson. **Cultura; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/cultura-1.htm>. Acesso em 31 de dezembro de 2023.
- Dicionário de Psicologia da APA**. Gary R. VandenBos, organizador; tradução Daniel Bueno, Maria Adriana Veríssimo Veronese, Maria Cristina Monteiro; revisão técnica Maria Lucia Tiellet Nunes, Giana Bitencourt Frizzo. – Porto Alegre: Artmed, 2010.
- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5** / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento...et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli...[et al.]. – 5 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. O ciclo do contato: **temas básicos na abordagem gestáltica**. 5. ed. rev. – São Paulo: Summus, 2007.
- ROSSI, Paolo. **Comer: necessidade, desejo, obsessão**. Tradução Ivan Esperança Rocha. – 1 ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- fetalmed.net/deu-vontade-de-comer-tijolo-entenda-o-que-e-a-picamalacia. Acesso em 30/12/2023 às 07:18h.
- <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/patrimonio-direitos-culturais-e-cidadania/edicao1/cnt/modulo1/capitulo-01-1.html>
- <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/fome-faz-criancas-se-alimentarem-de-grama-cozida-em-pais-tomado-pela-guerra-civil>